

O adolescente e a droga

manifestações do agir

Luiz Alberto Tavares

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TAVARES, LA. O adolescente e a droga: manifestações do agir. In: NERY FILHO, A., *et al.* orgs. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, pp. 195-205. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN 978-85-232-0882-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O adolescente e a droga: manifestações do agir

Luiz Alberto Tavares¹

Na clínica do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD), acolhemos para tratamento pacientes que se denominam ou são denominados adolescentes. O termo adolescência suscita dificuldades, para a psicanálise, porque é freqüentemente associado à idéia de uma “harmonia genital”, resultado de uma sucessão de estágios psíquicos ou vinculado à noção de “crise”, de “transgressão”, que seriam característicos de uma fase. Nessa perspectiva, evitamos abordar a adolescência enquanto fenômeno, interessando-nos, aqui, o sujeito na sua estrutura, sujeito do inconsciente, e não aquele concebido pelas linhas do desenvolvimento ou da fenomenologia. Faremos esse percurso buscando articular o posicionamento do sujeito frente ao Outro e os diversos modos de consumo da droga, como manifestações do agir na adolescência, tais como aparecem na dimensão da clínica institucional.

Desde o nascimento, o pequeno humano endereça àqueles que o acolhem, no seu desamparo inaugural, a satisfação de suas necessidades. Ao dirigir esse apelo, a criança se encontra na posição de ocupar aquilo que falta ao Outro, sendo esse Outro definido como um campo que é anterior e exterior ao sujeito e do qual ele depende para se constituir como ser de linguagem e de desejo. Assim, é na posição de falo que ele aparece, como resposta frente ao Desejo da Mãe que encarna, primordialmen-

te, essa figura do Outro, quando o Nome do pai, enquanto operação de corte, separação, o destaca desse Outro. Essa operação aponta para a dimensão da falta, que se coloca tanto na vertente do sujeito quanto do Outro. É como falo que a criança pode ter assegurado, em um primeiro tempo, o seu lugar, encontrando aí uma resposta advinda do Outro. Vive assim, no terreno da garantia, na promessa de que tem que esperar sua vez, ouvindo do adulto sempre a mesma resposta: “você fará isso quando crescer”.

Na travessia da infância, com a submersão edípica, a criança deve perder essa pertinência fálica que a sustentava. Os pais devem ser perdidos enquanto objetos de investimento libidinal, sendo a catexia de objeto substituída por uma identificação. Na adolescência, completa-se a tarefa iniciada com a submersão edípica, quando deve ser reeditado esse movimento de separação do Outro. Agora, o sujeito adolescente deverá realizar uma operação de resignificação, passando de sintoma dos pais a um sintoma que possibilite a inscição do seu próprio desejo.

Rassial (2000) assinala que a promessa edípica de renúncia provisória ao gozo, do qual terá direito mais tarde, se mostra enganadora. No encontro com o sexual, ao ter que se posicionar como homem ou como mulher, revela-se a impossibilidade da satisfação total, já que os novos objetos não satisfazem completamente. Na infância, como vimos, o Outro é encarnado, dá uma resposta, um sentido. Para o adolescente, o Outro - o pai ou a mãe - se encontra na impossibilidade de dar uma resposta. Na maioria das vezes, o enunciado dos pais é: faça uma escolha certa e entre para a sociedade dos humanos. Mas essa não é uma resposta que vem do inconsciente, já que, no endereçamento ao Outro, não há uma resposta asseguradora.

No comentário que faz da peça *O despertar da primavera* (1974), Lacan (2003) diz que foi Franz Wedekind, dramaturgo

contemporâneo de Freud, que compreendeu, antes deste, o problema da adolescência que, segundo ele, é o encontro com o fantasma. Isso quer dizer que, ao terem que se posicionar como homem ou como mulher, ao terem que abordar ou serem abordados pelo outro sexo, os adolescentes devem contar com as construções de um saber organizado pelo fantasma.

Os elementos em jogo no fantasma são escritos por Lacan (1999), em *O desejo e sua interpretação* (1958-59), com o matema $\$ \diamond a$. De um lado, trata-se do universo simbólico, o sujeito marcado pela barra, sujeito de falta, consecutivo à sua entrada na linguagem. Do outro lado do matema, está o objeto a enquanto perdido, lugar vazio que o sujeito vai buscar preencher por toda a vida, com vários objetos a imaginários, marcados, também, pelo encontro com significantes primordiais e com os objetos do fantasma do Outro parental.

Lacan (2004) no seminário *A Angústia* (1962-63) aponta, de forma articulada, a relação do sujeito com a demanda do Outro e com o desejo que essa demanda esconde: ele me pede algo, mas, o que ele quer mesmo de mim? A incerteza sobre essa resposta provoca angústia. O fantasma é um modo de responder à questão para a qual o Outro não dá resposta. Entretanto, sabemos que o fantasma opera como suporte de uma resposta cujo ponto central é um buraco. O fantasma cobre, então, essa falta de resposta.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud diz: “com a chegada da puberdade operam-se as mudanças destinadas a dar à vida sexual infantil a sua forma final normal” (1977, p. 213). Ele fala do novo despertar da pulsão pelo real biológico com ênfase no despertar da sexualidade em correlação à interdição do incesto.

Aprendemos, também com Freud, que a partir da latência, os traços sexuais devem ser retirados dos primeiros objetos de

investimento para serem reinvestidos num segundo objeto. Em relação à primeira infância, o objeto parental se vê, definitivamente, condenado e deve ser perdido, enquanto objeto sexual.

Trata-se aí de um verdadeiro trabalho de luto a ser feito. Esse luto é a chave da passagem da sexualidade infantil para uma sexualidade adulta. A adolescência implica, então, uma escolha. É a escolha de um sujeito frente a sua posição sexuada.

Freud (1915) diz:

O luto é a reação à perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas as mesmas influências podem produzir melancolia em vez de luto, por conseguinte suspeitamos que essas pessoas possuam uma disposição patológica. (FREUD, 1977, p. 275).

No caso da adolescência, não se trata do luto pelos pais ou dos pais enquanto objetos de investimento libidinal, porque, como já assinalamos, com Freud, estes já foram perdidos desde a latência. Falamos aqui da dor da descoberta do Outro como lugar onde se constitui seu desejo, mas que é marcado por um buraco, uma falta. O trabalho psíquico de luto a que o adolescente é convocado coloca-o no confronto com essa incompletude. (GARCIA, 1998).

No acolhimento do CETAD, recebo A. um paciente de vinte anos, usuário de cocaína, que refere ter começado o consumo aos dezesseis anos, intensificando esse uso há dois anos. Relacionou-se, nos últimos anos, com três mulheres, tendo um filho com cada uma. Numa primeira entrevista, fala com desenvoltura da droga, de como a consegue, dos seus efeitos. Em determinado momento, diz usar cocaína porque sente muita “raiva”. Ao ser minimamente interrogado de que raiva se trata, ele diz: “Eu não sei lhe responder, pergunte a minha mãe, ela está esperan-

do aí fora”. A mãe sabe, tem a resposta. A genitora, que o aguarda, posteriormente, vem ao seu encontro na sala e diz que quando o filho fez quinze anos ela começou a “correr atrás dele”.

Geralmente, o jovem não é reconhecido como homem ou como mulher, ao atingir a adolescência, e isso só se realiza quando alcança sua independência econômica. Ser pai ou ser mãe pode ser uma tentativa de reconhecimento, de implicação numa escolha. No caso do paciente A., trata-se de um agir que não se sustenta, transitando no fracasso e na repetição. Há a impossibilidade de uma separação e, conseqüentemente, de um luto que permitiria ao sujeito implicar-se naquilo que veicula e na assunção do fazer-se pai.

Não é possível, para esse jovem, responsabilizar-se pela fala que emerge como um sentimento. Da raiva, ele não pode falar, disso ele não pode saber. Para a questão, que aponta para a divisão do sujeito, não há deslizamento significativo possível que permita a construção de algum sentido. Ele fala da droga; sobre a raiva, nada é possível dizer.

Num outro momento, recebo R., uma adolescente de quinze anos, que vem ao CETAD “para não ter vontade de fumar maconha”. Encontra-se trancada, voluntariamente, em casa com medo de usar maconha novamente. Conheceu maconha há um ano, período em que perdeu a avó e que era, para ela, a “sua verdadeira mãe”. “Ela era tudo para mim. Perdi uma parte do meu corpo”. Foi quando começou a sair e a ter relações mais íntimas com o namorado que perdeu a avó e, na seqüência, iniciou o consumo de maconha.

Para R., a aproximação da questão sexual coincide com uma perda, na realidade. O luto da infância encontra-se, nesse caso, em suspensão, por esse outro luto a ser feito. Sobre isso, ela não pode, a princípio, falar. É a droga que lhe faz questão e que a leva a buscar tratamento. Mas o exílio voluntário em que se co-

loca, em nome da maconha, se revela, aos poucos, pelo seu rechaço frente à questão sexual e ao seu corpo.

O adolescente no encontro com o real pubertário, não podendo, ainda, significá-lo num ato, é levado a significar sua existência sob diferentes dimensões do agir. Essas manifestações do agir são freqüentes na clínica com adolescentes, sobretudo na clínica institucional com usuários de drogas: os atos delinqüentes, o *acting-out*, como mostraçãõ e busca de reconhecimento no Outro, e a passagem ao ato que, no caso do uso abusivo da droga, aponta para um apagamento do ser.

Poderíamos pensar nas diversas formas do agir adolescente como dificuldades ou impossibilidades de fazer o luto de uma posição alienada ao Outro, de engendrar uma separação. Do lado daqueles que ocupam a função parental, que encarnam o campo do Outro, percebemos, nessa clínica, que estes podem facilitar ou dificultar essa passagem. Não podemos deixar de sinalizar que a possibilidade de separação leva os pais a se confrontarem com sua impotência e, conseqüentemente, com o limite e a perda. Mas, na clínica com adolescentes, devemos levar em conta que se trata, sempre, de uma questão do sujeito.

Nas diversas formas do agir, será preciso fazer, então, uma diferenciação entre o que é *acting out* e passagem ao ato e aquilo que é denominado de ato. O ato situa-se na ordem de um dito que marca uma posição simbólica do sujeito. Nesse sentido, não existiria ato sem linguagem. O agir, por outro lado, comporta a dimensão motora de um fazer, do sair da influência do desejo do Outro que, por vezes, provoca no jovem uma angústia insuperável.

B. é um paciente de dezessete anos que faz uso abusivo de álcool nos finais de semana. Vem ao atendimento por uma demanda da mãe, que se preocupa com o consumo de álcool do filho, sempre trazido para casa “carregado” pelos amigos. B.

diz, a princípio, não ter questões. Relaciona-se com uma namorada e descreve esse namoro como algo “perfeito”. Quando inicia o acompanhamento, a namorada rompe o relacionamento, o que leva B. a uma grande tristeza. Não admite tê-la perdido. Está sempre atrás dela, deixa de se alimentar, experimenta uma angústia de morte. Fala da namorada como alguém que cuida dele, que zela para que ele não falte à escola e que faz o seu prato nos aniversários. Antes do término, a fala era de que “nada se passava entre eles”. Relacionam-se sexualmente e é tudo “sem questões”. É pelo rompimento do namoro que se dá conta do não investimento dessa namorada como objeto do desejo. Pela perda da namorada, aproxima-se da sua posição frente ao Outro familiar, referindo-se a uma mãe zelosa, atenta, controladora e que diz a esse filho único ser ele “a razão da sua vida”.

Em determinado momento do atendimento, B. diz: “Quando estou comendo, minha mãe fica sempre sentada do meu lado e me olha sem dizer nada”, “não sei o que ela quer...”. Posteriormente, o tema retorna pela implicação do olhar. “O que ela quer me olhando? Parece que quer me comer com os olhos”. É como objeto a ser comido, devorado, que ele pode se situar frente à questão, frente ao desejo do Outro. É a nominação do campo do Outro que tem que ser feita na adolescência. A angústia só é atenuada quando o Outro pode ser nomeado.

No caso de certos usos de drogas, podemos situar a busca de um objeto da realidade como uma tentativa de separação entre o sujeito e o Outro desejante. Esse agir assume a forma de realização de uma cena, de um desejo do sujeito que o Outro não escuta. O endereçamento, portanto, é para aquele que ocupa o lugar do Outro. Trata-se de um movimento de ida e retorno.

W. é um paciente de dezoito anos, usuário de diversas drogas, algumas, de forma intensa, oscilando num agir que vai da

dimensão do usar ao se fazer pegar. Ele se apropria de um objeto da realidade (droga), na tentativa de sair do controle da mãe. Diz: “Ela advinha quando tenho droga em casa. É como se ela tivesse colocado uma câmera no meu quarto. Parece que ela sabe tudo que eu faço. Ela me vigia, mas eu sempre escapulo e vou fumar a minha maconha”.

Num certo momento, W. decide acampar com dois colegas em frente a um condomínio próximo da praia. Sem habilitação para conduzir, dirige-se para o local com o carro da família, colocando-se, desde já, no risco de ser preso pelos agentes de trânsito. No acampamento, são advertidos, por um segurança, de que seriam pegos por estarem fumando maconha. No relato, W. diz ter pensado que tinha a alternativa de não fumar ou mudar para outro lugar, mas decide “arriscar”. Finalmente, a polícia chega e W. fala que toda a maconha que portavam lhe pertencia, quando, na realidade, a compra havia sido compartilhada pelos três amigos. A mãe se dirige até o local para “resgatá-lo”. Nesse agir, ele se faz pegar. Ele mostra, através desse movimento, o que ele é. O objeto droga da sua mãe, que não vislumbra qualquer possibilidade de separação desse filho. W. oscila, por um lado, na tentativa de separação, pelo uso da droga fora do controle da mãe, da toda potência do Outro e, por outro, na alienação ao desejo da mãe, onde se faz prender.

No desenrolar do tratamento, é, num momento de desespero, após uma briga violenta com a família, que W. decide ir com os amigos para uma festa onde consome álcool, ácido e grande quantidade de anfetamina. “Nesse dia, eu quis radicalizar. Estava disposto a ir às últimas conseqüências”. Levado de emergência a um hospital, faz duas paradas cardíacas, quando é reanimado pela equipe médica, voltando ao convívio familiar, alguns dias depois. Essa dimensão do agir revela o sujeito numa dimensão de ruptura, colado, de tal forma, ao objeto, que se apro-

xima da morte, do aniquilamento, do encontro com o real, onde as palavras escapam.

Diferente do *acting out*, que é uma mostraçãõ, W. transita na passagem ao ato. Nesse momento, não se endereça a uma pessoa em particular ou a uma instância e não espera nada da interpretação. Isso só pode ser feito em um momento posterior, por ter escapado do seu agir decidido. Trata-se de uma demanda bruta de amor, de reconhecimento de ser, sob um fundo de desespero. Essa demanda é feita por um sujeito, no momento em que não pode mais viver senão como um dejetõ, um resto. Nessa posição, se identifica, de forma maciça, com o objeto. Ela é, muitas vezes, irreversível, porque o sujeito ultrapassa a linha do laço ao Outro, num caminha sem volta.

Numa sessão, W. revela que, além do uso de drogas, envolve-se, eventualmente, com o tráfico, vendendo *ecstasy* nas festas em que vai, aos finais de semana, para obter dinheiro e comprar drogas para seu próprio consumo.

Após algum tempo em tratamento, relata, numa das sessões, que resolveu, junto com um amigo, imprimir numa folha de papel, reproduções de ácidos lisérgicos que obtivera na internet, decidindo vendê-los numa festa. Nunca havia feito isso antes, pois tem muita “credibilidade” no mercado da droga. Nesse dia, compram droga falsa na sua mão. Alguns desconfiaram da farsa, outros sentiram os efeitos, o que o deixou muito intrigado. Fez abalar, aí, a sua “credibilidade no mundo das drogas”. Parece, com esse movimento, descolar-se desse lugar de identificação com o objeto droga, que circula do tráfico ao consumo intenso.

Na sua trajetória de tratamento, é encaminhado, nesse momento, para uma das oficinas de expressão e criação oferecidas pelo CETAD, onde cria bonecos, figuras, nomes e me refere ter inventado uma logomarca, onde re-escreve o seu próprio nome,

com um jogo de letras que alude, em inglês, à palavra novo, *new*. Começa a imprimir essa marca em camisas, que produz em série, portando, também, seus desenhos. Passa a vendê-las numa feira de artesanato, em festas. Entusiasma-se com esse projeto e parece sustentar-se nessa nova trajetória em que se faz representar por outros objetos de eleição. Sua relação com o objeto se desloca para uma outra lógica de venda e consumo, apontando, também, para outros modos de circulação e troca.

Nos atendimentos aos usuários de drogas, em particular, aos adolescentes, nos confrontamos com demandas de tratamento nas quais os sujeitos se encontram exilados do desejo, vivendo em função de um agir que toma diferentes dimensões nos modos de consumo. A aproximação dessa clínica nos ajuda a pensar a direção do tratamento com esses adolescentes, em uma perspectiva de fazer dessas diversas formas de agir, possibilidades ou tentativas de ato, ou seja, buscar situar algum significativo possível que permita ao sujeito se fazer representar no ato, na dimensão da linguagem. Essa clínica, entretanto, não se realiza sem dificuldades.

Se, para alguns, é possível fazer um percurso individual no qual o sujeito se implica na fala que veicula, responsabilizando-se pela escolha de sua prática aditiva, para outros, o apelo à divisão subjetiva e o confronto com o próprio desejo precipita, em muitos casos, abandonos precoces ou, em outras ocasiões, a não aderência do paciente ao tratamento proposto. Essa convocação à fala suscita, por vezes, uma angústia impossível de ser contornada.

Nesses casos a instituição se revela como um lugar privilegiado de tratamento, ao associar, muitas vezes, à escuta individual, os atendimentos grupais, as oficinas de expressão e criação, os fóruns temáticos, enquanto estratégias articuladas que visam, de uma forma mais consistente, o deslocamento do par sujeito-droga pelos desfiladeiros de um fazer mais criativo.

Notas

- ¹ Psiquiatra – Psicanalista. Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas – CETAD/UFBA. Membro do Espaço Möebius Psicanálise.

Referências

- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. VII, p. 213.
- _____. Luto e melancolia (1915-17). In: _____. **Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. XIV, p. 275.
- GARCIA, A. **Escolha e luto**: paradigmas do adollesc. Trabalho apresentado na VI Jornada de Psicanálise do Espaço Möebius, *O ato psicanalítico: a criança e o adolescente*. Salvador. 1998.
- LACAN, J. L'angoisse (1962-63). **Le Seminaire de Jacques Lacan - Livre X**. Paris: Ed. Seuil, 2004.
- _____. **O desejo e sua interpretação** (1958-59). Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 1999.
- _____. **Prefácio a O despertar da primavera** (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- RASSIAL, Jean-Jacques. **Sortir**: l'operation adolescente. Paris: Seuil, 2000.